

Revista Interamericana de Educación para la Democracia

RIED  **IJED**

Interamerican Journal of Education for Democracy



DIÁLOGO em torno de PAULO FREIRE

Vol 1, No. 1

Septiembre, 2007

Documento disponível em:

www.ried-ijed.org

DÍÁLOGO em torno de PAULO FREIRE



Ana Maria Araújo Freire

esposa de Paulo Freire, que vinha sendo chamada afetuosamente pelo marido de Nita, é Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP).

Paolo Vittoria

doutorando em Pedagogia pela Universidade Federico II de Nápoles (Itália). A introdução e as notas são de autoria e responsabilidade de Paolo Vittoria.

Educação freiriana e democracia participativa

Introdução

Paolo Vittoria

Fazer uma reflexão sobre a educação, significa analisar o contexto onde se pretende atuar. Caso contrário, uma educação sem contexto poderia simplesmente reduzir-se ao exercício teórico. A real prática da educação precisa ser interligada ao contexto social e a complexidade do ambiente de referimento. A teoria não pode ser um veículo que afasta a praxi, mas sim, um instrumento de desataque crítico, propenso a uma imersão mais consciente na própria praxi.

Isto é, no meu ponto de vista, um dos mais profundos ensinamentos da Pedagogia de Paulo Freire: a dialética recíproca entre teoria e prática. A teoria sem a prática seria um puro exercício abstrato, assim como a prática sem a teoria seria reduzida a uma ação ingênua¹.

Pensar na educação, na escola, no ensino é pensar e agir para a mudança. Tal ação é baseada numa premissa fundamental do pensamento freiriano: *a educação é um ato político* e a sua neutralidade é um falso mito. Referindo-se a “ato político”, a educação pode ser também um exercício de participação: a escola é um laboratório de ética e de solidariedade.

No momento em que o educador ou a educadora, aprendendo humildemente como próprio ato de ensinar, aplica os processos cognitivos a partir da construção coletiva do saber, através do diálogo, do ato de escutar e da comunicação, se concretiza a premissa básica para abrir o percurso do conhecimento participativo. Conhecer é interagir com a realidade. A incessante determinação do educador brasileiro Paulo Freire, a de criticar as formas autoritárias e mecânicas do ensinar-aprender, há uma matriz política: essa pretende contrapor-se explicitamente à imposição vertical do poder. Criando uma forma de ensino-aprendizagem participativo, provocando um projeto de futuro, voz e dignidade para aqueles a quem o processo normalmente não é reconhecido: entre esses, poderíamos considerar não somente os estudantes das classes oprimidas, mas também tantos outros estudantes da classe média.

A filosofia educativa de Freire é compreensível a partir de um princípio fundamental: não existe o saber absoluto, nem a ignorância absoluta, mas o saber relativo como relativa é a ignorância. Isso não quer dizer que o conhecimento não tenha diversos graus (Maritain, 1959). O educador ou a educadora estará confrontando o próprio saber relativo com outro saber relativo. Este princípio na sua simplicidade possui uma imensa profundidade. Na distinção do papel entre educador e educando acontece a dialética recíproca pela qual *o educador é educando do educando e o educando é o educador do educador*.

Não é certamente por acaso que na cidade de São Paulo o Instituto Paulo Freire tenha atuado num projeto de Orçamento Participativo nas escolas inspirado exatamente pela filosofia educativa de Paulo Freire (AA VV, 2004). Assim como na cidade vizinha de Santo André, grupos de funcionários da Prefeitura foram educados ao Orçamento Participativo através das técnicas do Teatro do Oprimido (Vittoria, 2007).

Para atuar com percursos autênticos de *democracia participativa*, é preciso ter uma conscientização no papel ativo que cada um de nós pode ter na comunidade social: entre os limites e as possibilidades, entre a individualidade e a coletividade. Neste sentido, são preciosos os princípios da pedagogia de Freire.

Uma tomada de consciência crítica e permanente na realidade e nas suas mudanças nos rende sujeitos das escolhas que possuem um interesse coletivo, projetando a nossa individualidade na complexidade.

No texto que segue, recolhido de três entrevistas realizadas com Ana Maria Araújo Freire, segunda esposa do educador brasileiro, se analisa profundamente a história de vida e a filosofia educativa revolucionária de Paulo Freire que influencia os processos de democratização política dos movimentos populares e da educação popular na América Latina.

O tom das entrevistas que inevitavelmente pertencem à forma do diálogo, interliga a narração das experiências de vida de “Paulo” com as teorias filosóficas de “Freire”. As palavras de Ana Maria, chamada afetuosamente de Nita pelo marido, exprimem o sentimento da esposa e a sabedoria científica da estudiosa, oferecendo a sua própria perspectiva subjetiva, confrontada com aquela do marido, mas obviamente na sua singularidade.

Ana Maria nos presenteia uma narração de Paulo Freire que cada um pode ler de muitas maneiras, selecionando os aspectos de vida e da filosofia educativa, úteis a repensar na educação como

processo de conscientização e na democracia como via revolucionária para a participação. Educação necessária à democracia, numa dialética recíproca aberta e permanente.

O pensamento universal de um educador brasileiro, nordestino²

Paulo Vittoria:

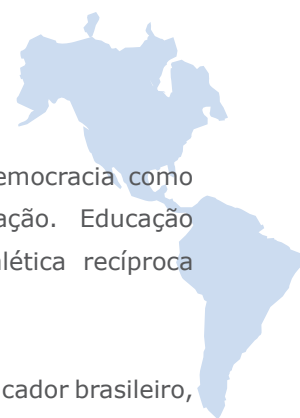
Paulo Freire nos anos setenta obteve uma larga fama na Europa, época de contestações políticas e de renovação social. Sucessivamente ocorreu um ligeiro abandono de sua literatura. Como podemos explicar esse percurso?

Nita Freire:

Nos anos setenta os livros de Paulo eram particularmente lidos porque era uma época de contestação. Talvez não só por isso, mas porque era uma época em que as pessoas procuravam um paradigma de esperança.

Podemos explicar o sucesso de Paulo porque ele, além de ter explicado, cientificamente, a esperança, ele foi um homem genuinamente, extremamente humanista. O humanismo de Paulo está na sua pessoa calma, pacífica, tranquila, por ter sido um homem, que procurava constantemente a coerência, porque foi um educador, que sabia, que temos, necessariamente que comunicar e comunicar-se com os outros, respeitando-os, e sendo aberto para as diversidades. Paulo foi um humanista e o humanismo estava desaparecendo. Ele ficou, em parte, esquecido com a queda do muro de Berlim. Por isso sua leitura foi, em parte, abandonada. Sim, houve um certo abandono da literatura de Paulo, mas ele agora é muito lido e procurado.

Agora vem ressurgindo com uma força extraordinária....Os livros dele foram ou estão sendo traduzidos em muitos idiomas orientais: chinês, indonésio, coreano, japonês, paquistanês... Ele é



muito lido e procurado em toda a América Latina...na Itália, na França, na Alemanha, mesmo que os países europeus tenham uma cultura que, como acontece com todos os que têm o poder, se fecha e faz uma união para solidificar-se e não sofrer “invasões”, intervenção de outros e outras, que podem criar as condições para as mudanças. O conservadorismo é muito forte, tanto nos europeus quanto nos norte-americanos, sobretudo contra as ações progressistas dos países não desenvolvidos.

Diz-se que o capitalismo do “Terceiro Mundo”, dos países em via de desenvolvimento é selvagem, mas o capitalismo selvagem, acredito, é parte essencial para a manutenção do “Primeiro Mundo”, do mundo desenvolvido, de onde as coisas partem determinadas pelas forças dos opressores sobre os oprimidos.

Hoje falta muito, mais do que nunca, a virtude tolerância, uma das características do humanismo freiriano. Aquilo que falta no imperialismo é a tolerância: ele quer homologar, determinar tudo para o mundo todo, “pasteurizando” e impondo suas formas de pensar à moda “coca-cola”. Isto é, quer restringir o resto do mundo a pensar como ele pensa. Aquele que pensa diferentemente, pensa errado e faz parte da parte do mundo do mal, do mal do mundo. Essa é a maneira típica do imperialismo, “ler o mundo”. Não respeita as culturas. Existe somente um modelo certo de Verdade: a cultura dele. Existe somente um padrão definido como democrático e civilizado: o dele. A cultura dele, a maneira de viver dele. Quem não respeita o que é diferente, quem não respeita as pessoas diferentes, é intolerante. Segundo Paulo, a compreensão da tolerância, começa pelo e reside e se funda no respeito às diferenças.

Em suma, essa prática no mundo, que ofende os seres humanos, fez muitos esquecerem Paulo Freire. Mas, ele está sendo retomado com muita força em muitos países do Oriente, da Europa e nas Américas, sobretudo no Brasil! Sei também que em alguns países africanos se pratica e ou se estuda Paulo.

Paulo Freire diz que o conhecimento ajuda a respeitar as diversidades ...

... sim, acabei de falar sobre isso. Sobre a virtude da tolerância!

Respeitar as diversidades e conhecer, em movimento dialético, implica no diálogo que é um dos instrumentos para a apropriação do conhecimento. O diálogo epistemológico é o que estamos fazendo: um “eu” com um “tu”, refletindo sobre um objeto de conhecimento, que nesse caso é a teoria de Paulo. É a pessoa de Paulo. Sujeitos cognoscentes em torno de um objeto cognoscível, no caso o sujeito Paulo Freire e seu pensamento. Não é simplesmente um relacionar-se entre um “eu” e um “tu” numa conversa “sem pé e sem cabeça”, mesmo que amorosa. Paulo afirma que há dimensões no diálogo que devem provocar a percepção crítica do mundo: é nesse diálogo amoroso que se pode obter a comunicação e o saber. Abrem-se as possibilidades das transformações do mundo.

Antes de ler a palavra, a pessoa lê o mundo. Pode-se ter uma leitura fanática ou uma leitura crítica. Em contextos norteados pelo idealismo formal, positivista, que é contrário à busca esclarecedora da realidade sobre o conhecimento, o diálogo, a comunicação, perde-se no meio do caminho. Não reconhece-se a virtude política da tolerância pela diversidade. E a essência do humanismo é a tolerância diante da diversidade. Essa *leitura do mundo* é a compreensão que não entende e nem quer respeitar as diversidades culturais. Não existe o igual em absoluto, mas o igual na diversidade.

É preciso respeitar o idioma, o modo de andar, de falar, de escolher o que comer ...as diferentes formas de se “ler o mundo”, pois tudo isso é, enfim as diferentes e autênticas formas de manifestações culturais.

Como acha que a criatividade da cultura popular brasileira pode lidar com os traços de conservadorismo ainda presentes no Brasil?

Eu acho que o Brasil é um país cheio de contradições, ambíguo. Por um lado ele é muito conservador – elitista, autoritário e discriminador---, por outro lado, tornamos nós brasileiros/as, em geral, uma sociedade aberta ao mundo, atenta a tudo e a todos. Se você vem ao Brasil e volta depois de três anos, pode ver muita coisa mudada. Digo sempre que quem vem ao Brasil tem seu “batismo de fogo”, nunca volta o mesmo...Somos uma gente que tem uma capacidade enorme de pedagogizar no sentido positivo, com nossa empatia, solidariedade, alegria, curiosidade, capacidade de criar e aceitação do novo!

É a criatividade o motor da mudança?

O Brasil é muito criativo e dinâmico. A mistura de raças dos brasileiros/as, certamente, dá esse tom, essa dinâmica de criatividade que possibilita a mudança. A mudança para melhor.

A literatura de Freire é lida em muitos países: Brasil, Europa, Ásia, América. Ele viajou muito. Nas mensagens do pensamento dele tem aspectos de universalidade? A opressão é somente dos analfabetos, ou pertence ao ser humano em geral?

Eu acho que em todo o mundo há oprimidos e oprimidas.

Você, Paolo, uma pessoa do Primeiro Mundo, também pode ser oprimido. Certamente já viveu alguma experiência da opressão, aqui ou em seu próprio país. Disso falou Paulo nos anos setenta. Paulo mostrou como nos países desenvolvidos há também muitas pessoas que sofrem discriminação ou pela pobreza, ou pela cor, ou pela escolha sexual, ou pela religião, etc.. Por não terem comida, não terem casa, não terem boa roupa. Sofrem perseguições, invasões culturais...são oprimidos e oprimidas! Por isso Paulo dizia: “No Primeiro Mundo está também o Terceiro e no Terceiro Mundo há também um Primeiro Mundo”, pois conhecemos os milionários e poderosos de toda sorte, com padrão de vida luxuoso e acintoso, nos países pobres e miseráveis.

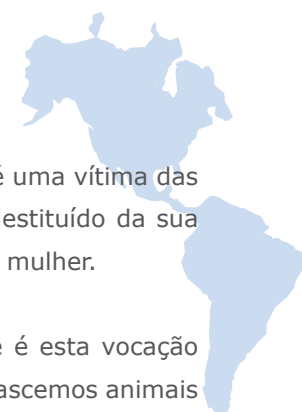
O oprimido/a, de modo especial, é uma vítima das condições de opressão. Um sujeito destituído da sua vocação ontológica de ser homem ou mulher.

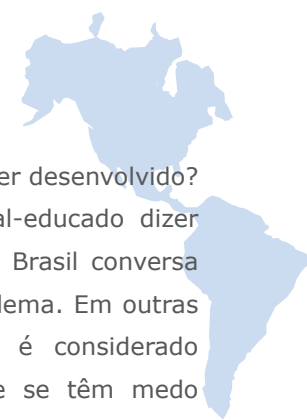
Vamos ver, segundo Paulo, o que é esta vocação ontológica dos seres humanos. Nós nascemos animais e através do tempo nos tornamos homens e mulheres porque fizemos das patas dianteiras a continuação de nosso corpo a serviço do que queríamos e não mais simplesmente como apoio para o andar. Isso, em si que já é um ato inteligente, que propiciou o desenvolvimento cada vez maior da inteligência. Criamos, então, a cultura: a ética, a política, os idiomas, a arte, a religião, a comida elaborada, a educação; enfim as instituições mais diversas. Mas, nossa capacidade de fazer cultura, a possibilidade de nos fazermos “iguais” com ela, vem servindo, contraditoriamente, de ponto de separação entre os seres humanos através das diversas formas de discriminação e de opressão.

Você acha que pode ser uma concepção errada da cultura e da vida dividir o mundo em primeiro mundo, segundo e terceiro mundo? Não lhe parece parcial e reduziva essa classificação?

Não se diz mais assim. Eliminaram essa classificação. Hoje se diz: “países emergentes”, “países em vias de desenvolvimento”, “pouco desenvolvidos” e “países desenvolvidos”, mas isso pouco nos importa! O Brasil já é há muito tempo um país “desenvolvido” em alguns aspectos. Mas o nosso atraso é grande não sob o ponto de vista econômico, pois somos um país que produz muito – produtos agrícolas e industriais ---, mas sob o ponto de vista social. Há uma péssima distribuição da renda e uma escolarização que não nos deixa tranquilos e nem satisfeitos, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos. Aqui no Brasil, infelizmente, o analfabetismo, seja da palavra ou o dito analfabetismo funcional, é um caso concreto.

Vou lhe contar um fato interessante sobre diferentes formas de comportamento entre pessoas





desse “dois mundos”: Estava eu no aeroporto de Bruxelas e um brasileiro que mora na Suíça há um bom tempo viu um outro brasileiro que enquanto esperava a bagagem, pedia a uma terceira pessoa desconhecida que estava na beira da esteira rolante: “Pegue essa mala marrom, por favor, ela é minha!!!”. O brasileiro imigrado na Suíça resmungava em voz baixa: “Não, não se faz isso” aqui”!!! Isso é falta de educação!”. Bom, eu não acho que seja falta de educação, porque é normal falar com um estranho, é normal criar essa abertura e pedir um favor. Isso faz parte do processo cultural da comunicação, que o individualismo capitalista, sobretudo o neoliberal está acabando em nome das “normas civilizadas”, de um “mundo civilizado”.

Paulo dizia mais ou menos assim: “Um país, um povo não pode ser um outro; é isso que devemos respeitar, as diferentes culturas. Não existe a melhor e a pior cultura. Há traços culturais que precisam, em nome do humanismo, serem mudadas, mas isto não pode ser determinado de fora. Há que partir da conscientização dos sujeitos dessa cultura”.

Ele me alertou algumas vezes: “Nita, você não pense que a cultura brasileira é sempre a melhor, ela é a sua, a nossa, mas reconheça que em cada país, em cada parte do mundo podem existir alguns aspectos culturais melhores do que os que praticamos no Brasil, outros piores do que os da nossa cultura. Quem dá o parâmetro de melhor e de pior é a análise crítica da cultura, sua capacidade de humanizar ou não. Se você é tolerante, aceite mais as culturas diferentes. Não há cultura melhor ou pior do que a nossa”

Enfim, não podemos nem classificar e nem hierarquizar as culturas....

Para mim foi uma aprendizagem conhecer o Brasil: um ensino de humanidade, um ensino sobre o ser humano, especialmente sobre a comunicação que nessa forma falta em outras partes do mundo.

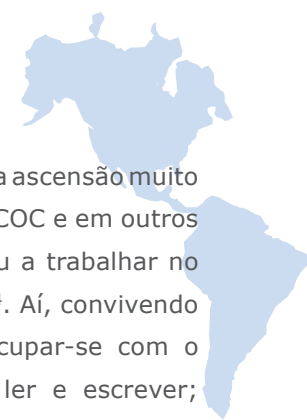
Eu me pergunto: o que significa ser desenvolvido? Desenvolvido é quem considera mal-educado dizer “esta é a minha mala?” Se você no Brasil conversa com um desconhecido não tem problema. Em outras partes do mundo, pelo contrário, é considerado de péssimo gosto. Me parece, que se têm medo dos outros. Quando Paulo dizia “eu acredito no ser humano” demonstrava aceitar as coisas quando elas não desrespeitam o outro ou a outra. Paulo encontrou muitas pessoas que tentaram enganá-lo, outras, que o enganaram mesmo!!! Mas ele não se arrependia de ser tão aberto, solidário, cúmplice dos outros.

Toda a filosofia de Paulo é a partir da virtude da pessoa. Por isso ele é um humanista, é por isso que o seu pensamento hoje se está revelando necessário. O ano passado eu recebi uma carta de uma sociedade alemã de intelectuais: eles/elas tinham proposto para a Comunidade Européia a divulgação da obra de Paulo e do seu pensamento humanista nas escolas, sindicatos, Igrejas, etc. Eles queriam a minha colaboração e eu aceitei. Depois um deles me disse que era um projeto difícil de ser aprovado, porque era muito ousado e o poder na Europa está estabilizado e não quer ser “invadido”, renovado, não quer mudar os seus parâmetros de verdade.

Infelizmente sabemos que estamos caminhando no caminho errado, para um mundo mais feio, mais individualista, mais competitivo, mas muitos, quase todos não querem mudar o que está aí, é essa a questão.

É isso mesmo, Paulo, o Brasil o batizou no batismo das suas marcas benévolas e benéficas do fogo....

O pensamento educativo de Freire tem um forte potencial revolucionário também no olhar político. Quanto influenciou no seu sentimento de rebeldia contra as injustiças sociais, ele ter nascido no Recife? No nordeste do Brasil³ onde a desigualdade, a pobreza é muito difusa? Como você entende a sua solidariedade com a arte popular?



Há uma grande diferença entre Paulo e outros educadores/pensadores. É que Paulo foi um nordestino do Brasil. Um recifense. Ele, desde criança, via as injustiças, via os negros maltratados, os pobres desprezados e se perguntava: por que isso, se somos todos iguais? Eles são diferentes? Por que algumas pessoas têm coisas e outras não têm? Essa foi a preocupação de Paulo Freire desde criança!

O pai dele era oficial da Polícia Militar. Quando ele adoeceu, aposentou-se e assim o soldo tornou-se muito pequeno para manter a família, que, assim começou a perder tudo. Um tio de Paulo, que tinha uma casa de “secos e molhados” muito movimentada no Rio de Janeiro, os ajudava financeiramente. Com a crise de 1929 esse tio perdeu tudo e não pode mais dar a contribuição que vinha dando. A família de Paulo ficou mais pobre ainda.

Assim, eles foram viver em Jaboatão, cidade muito pequena perto de Recife. Em Jaboatão havia somente escola primária e Paulo, que tinha um grande desejo de estudar, de fazer a escola secundária e prosseguir nos estudos da sintaxe brasileira, se sentia desamparado.

Quando Paulo tinha 16 anos a mãe dele procurava escolas em Recife onde ele pudesse estudar, mas as escolas religiosas, de padres, não o aceitavam sem o pagamento da mensalidade. Foi o meu pai, Aluísio Pessoa de Araújo, que o aceitou com uma única condição: que ele fosse um bom estudante!

Paulo estudou lá, no Colégio Osvaldo Cruz. Lá conheci Paulo quando eu tinha menos de quatro anos de idade. Em três, quatro anos já era uma pessoa que sabia muito. Depois de cinco anos já se tornara professor de língua portuguesa. Ensinava no Curso Ginásial, quando então fui sua aluna, com 11 e 12 anos, pois o Colégio Osvaldo Cruz, era uma escola mista. Isto é, tinha alunos meninos e rapazes e meninas e moças na mesma sala de aulas. E isso não era comum naquela época.

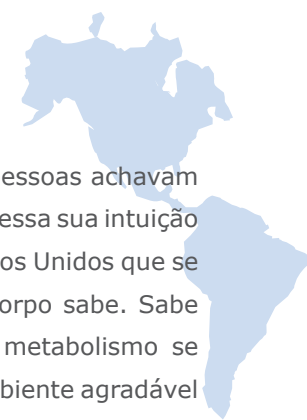
A vida de Paulo teve realmente uma ascensão muito rápida. Depois desta experiência no COC e em outros educandários do Recife, ele começou a trabalhar no SESI (Serviço Social das Industrias)⁴. Aí, convivendo com os operários começou a preocupar-se com o direito ontológico das pessoas de ler e escrever; com as condições e as relações de exploração, que posteriormente chamará de condições e relações de opressão.

Como Paulo partiu sempre da realidade concreta e das coisas óbvias, de sua experiência pessoal, descrita agora aligeiramente, ele foi diferente dos filósofos alemães, italianos, franceses que estudam a teoria da teoria do outro, tentando recuperar as idéias de uns, combater as teorias de uns outros ... Para ele tínhamos que priorizar a prática, o concreto, o que se sente, a intuição, o óbvio; partir do que o povo que sofre e trabalha sente e pensa!

Daí, obviamente, o seu pensamento ter mais do que um olhar político. Tem seu engajamento como um político-educador revolucionário que foi. Um filósofo da educação preocupado com os sentimentos, com os sonhos, com os desejos e os direitos – não só com os deveres –dos oprimidos, nascidos de sua rebeldia contra as injustiças sociais, exatamente por ele ter nascido no Recife. No nordeste do Brasil onde a desigualdade, a pobreza é generalizada. Seu amor ao povo o levou à solidariedade com a arte que as camadas populares produziam. Com a arte popular. Daí partiu para trabalhar com o conceito antropológico de cultura que abre a possibilidade da alfabetização da palavra e do mundo.

Você acha que construindo teorias sobre teorias pode-se afastar da prática e de um confronto mais autêntico com o ser humano?

Sim, essa é a originalidade e a diversidade do pensamento de Paulo. Ele partiu da prática, do que é óbvio, da intuição que leva os homens e as mulheres praticarem. Veja, por exemplo, como Paulo



compreendia os fenômenos sobre os quais ele incidiu a sua inteligência: o analfabeto é analfabeto da língua escrita, não da língua oral, se alguém já conhece um tema é muito mais fácil estudar e aprofundar nesse tema, a gente sabe que é mais fácil saber sobre o que já sabemos do que se iniciar num campo novo do conhecimento. Então, é preciso partir daquilo que você já conhece quando se trata da alfabetização. Foi assim no método de alfabetização: para aprender a escrever a palavra, precisamos começar ensinando a escrita da palavra que já sabemos o seu significado. O “Método de Alfabetização Paulo Freire” tem como princípio esse fato: os adultos sabem sobre aquilo que falam!! A partir da “fala do que já sabem” devemos lhes ensinar a escrever esta fala.

Paulo dizia que, em uma sociedade letrada, é um direito ontológico das mulheres e dos homens aprender a ler e a escrever a palavra e o mundo. Isso faz parte da natureza humana ... faz parte da natureza ontológica dos seres humanos pelo menos ler e escrever a palavra!! Quem não lê e não escreve tem um direito seu roubado, tem a sua humanidade roubada. Essa é uma consideração e afirmação muito séria.

Paulo partia dessa prática, porque via e se solidarizava com o sofrimento dos oprimidos e das oprimidas.

Realmente Paulo inventou, criou, mas não se cria do nada, se cria daquilo que já existe, superando, crescendo, mudando, transformando historicamente o real. Por isso ele se tornou um dos maiores educadores do pós-guerra, da II Guerra Mundial, pensando na prática e sentindo as coisas e sobre estas incidindo as suas reflexões. Muitos não gostavam disso na Europa e mesmo no Brasil: acusam Paulo de ser um sentimental. Eu acho que se você não sentir as emoções, não valorizar os seus sentimentos você está apenas “meio vivo”.

Paulo tinha a convicção de que “Eu não penso com a minha mente, com minha cabeça. Nós pensamos com o corpo inteiro. O meu corpo é consciente, não

somente a minha mente”, e muitas pessoas achavam ridícula essa afirmação dele. A prova dessa sua intuição é que existe hoje um centro nos Estados Unidos que se ocupa em estudar esta questão. O corpo sabe. Sabe quando volta para a casa -- nosso metabolismo se equilibra -- sabe quando está num ambiente agradável ou hostil.

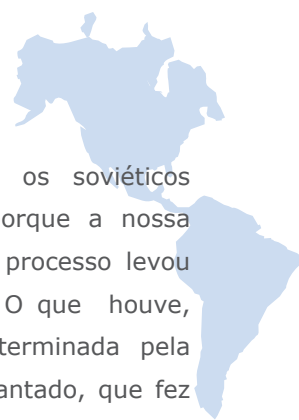
Antes do pensar, o corpo sente, o corpo sabe e Paulo dizia “que tudo que me faz acelerar o coração, sentir o sangue correndo rápido nas minhas veias, os pêlos de meu corpo se eriçarem são coisas sobre as quais eu tenho que pensar”.

Enfim, Paulo valorizava os sentimentos, o senso comum (ele se negava em aceitar que o senso comum não tem valor), a intuição, pois partiu deles, mesmo que entendesse que a Verdade não se encerrasse neste ciclo. Isso seria uma temeridade! Temos que refletir sobre o que nosso corpo nos indica pensar, nisto ele tinha certeza. O corpo é o ponto de partida.

São essas coisas que marcam a diferença entre Paulo e os filósofos do Primeiro Mundo! Paulo viveu com emoção os conflitos humanos e sobre eles refletiu. Estes, entendo, a deixaram de lado, “hibernadas”, de certo.

Atualmente na Europa, graças também aos estudos de Peter Mayo (Mayo, 2003), se reflete sobre uma comparação entre Freire e Gramsci. Além das diferenças de época e geográficas, se encontram muitas convergências. Em particular na relação entre atividade educativa, pensamento político e vontade de transformação social. Gramsci tem uma grande fama no Brasil e Paulo Freire está recebendo uma renovada atenção na Itália ...

Paulo leu Gramsci depois que estava no exílio. Gramsci, ao contrário de hoje, não era conhecido no Brasil. Paulo deixou o Brasil em 1964, quando ainda não se tinha ouvido falar de Gramsci, de seus escritos das prisões italianas. Paulo conheceu a obra de



Gramsci no Chile, depois que escreveu a *Pedagogia do Oprimido* (Freire, 1974). Quando ele pediu a alguns amigos para lerem esta sua obra --- pronta, mas ainda sem ter sido publicada ---, um deles disse: “Paulo, você não leu Gramsci? Você escreveu algumas coisas dele e nem o citou!!!” .

Isso significa que o contexto social dá para as pessoas que têm a capacidade de fazer uma “leitura do mundo” radical e crítica, a convergência entre suas compreensões, afirmações e crenças mesmo que separados pela distância – o tempo entre eles não foi significativo -- a capacidade de desvelarem coisas similares e às vezes até coincidentes.

Paulo nunca falou de ditadura do proletariado ...

Paulo dizia que se você luta simplesmente contra o opressor, você fica no lugar do opressor e o opressor vira oprimido. Haveria que se lutar contra as relações e as condições de opressão!

No socialismo real, inicialmente, mesmo com alguns equívocos, os revolucionários russos lutaram muito para a emancipação de seu povo, que vivia nas condições mais indignas para ser-se um ser humano, no tempo dos czares. Lutaram exatamente contra as relações e as condições de opressão! Mas depois se criou um estrato social que tinha muitos e tantos privilégios e que começou a oprimir de tal maneira perversamente, determinando e forçando todos e todas a pensar como esta “elite no poder”, que proclamava pensar e agir certo, que a experiência socialista fracassou totalmente.

Faltou na União Soviética a necessária amorosidade com as vidas, a tolerância para com a diversidade. Nós, enquanto sujeitos, criamos a história. Se formos éticos tentamos nos tornar melhores, se não formos éticos perdemos nosso “endereço vital”. Eles quiseram determinar a história, não foram nem éticos e nem eficientes nessa tarefa que, convenhamos, é impossível.

A perversidade praticada levou os soviéticos a perderem o “endereço vital”, porque a nossa vocação é sermos Seres Mais. Este processo levou à desagregação da União Soviética. O que houve, na verdade, foi uma distorção determinada pela corrupção no sistema socialista implantado, que fez desabar a utopia da igualdade e da colaboração. A queda do muro de Berlin foi o ponto final desta utopia. Não das utopias.

Marx afirmava categoricamente que o socialismo caminharia para uma sociedade igualitária depois da ditadura do proletariado. Se isso fosse um processo mecânico e inexorável, se os homens e as mulheres tivessem a garantia de que a sociedade igualitária chegaria espontaneamente, cruzariam os braços e esperariam..... A história para Paulo, diferentemente de Marx, é possibilidade e não determinismo. Isto é, precisamos pensar que aquilo que fazemos hoje possibilitará o mundo de amanhã ... o meu mundo, o seu mundo e o daqueles/as da coletividade mundial. Melhor ou pior do que o de hoje e o de ontem. O futuro, o amanhã depende do que estamos fazendo hoje. Ele, o futuro, não vem automaticamente. Por isso precisamos sonhar, com Paulo, por dias melhores e por eles lutar!

Isso é possível porque somos seres inacabados, razão de ser da esperança. Nós não somos hoje aquilo que éramos ontem e também não seremos amanhã aquilo que somos hoje. Como seres inacabados temos que ampliar as possibilidades de Sermos Mais como agora estamos fazendo através deste diálogo entre você e eu, em busca de um mundo melhor.

A possibilidade é uma coisa muito rica em Paulo, que nega terminantemente, o determinismo da ditadura do proletariado.

Entretanto, o que fazemos hoje no mundo vem sendo aquilo que destrói o mundo, que pode levar a um mundo pior. Ou se interrompe esse processo de intolerância e de destruição, ou o mundo, certa

e irreversivelmente, acabará. Todavia, temos a capacidade de interferir no mundo, somos capazes de modificar esse caminho e o nosso ser inacabado nos dá a esperança de conseguirmos construir dias melhores. Quando desejamos mudar, desejamos mudar para melhor e não para o pior. A humanidade em geral tem a esperança de um mundo melhor. Todo o mundo tem a esperança de alguma coisa positiva, que nos leve para um estágio melhor, num projeto humano aberto pela possibilidade – e não pelo determinismo histórico ou por alguma ditadura do proletariado -- de construir uma sociedade melhor, com pessoas melhores, onde todos possam ser Seres Mais e não Seres Menos, vilipendiados, que sofrendo a violência da pobreza, dos terrorismos de qualquer espécie, perdem a dignidade. Fui longe demais com sua pergunta.....é que aproveitei para dizer coisas importantes da compreensão de educação de Paulo.

Freire entendia o processo de conscientização como o percurso de libertação dos oprimidos, como uma tomada de consciência crítica e permanente.

Existe a palavra consciência e a tomada de consciência. A conscientização vai além delas.

Acho importante assinalar que conscientização é uma palavra que só existe na língua brasileira. Antes quero esclarecer também que conscientização não é uma palavra criada por Paulo. Nos anos cinquenta um grupo de pesquisa no Brasil, criou o ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros)⁵ que começou a falar de conscientização. Dom Helder Câmara⁶ o propagou⁷.

Mas foi Paulo, de fato, quem refletiu muito sobre esse conceito, o sistematizou e o utilizou como uma metodologia para a compreensão crítica do mundo, para a leitura do mundo que possibilitaria a compreensão da presença no mundo dos homens e das mulheres como sujeitos da história e não só como objeto dela e dos opressores/as. A **conscientização** para Paulo, portanto implica na ação intencional para as mudanças, para a transformação.

A diferença entre Piaget e Freire: Piaget usa a expressão tomada de consciência e Freire conscientização ...

A conscientização não é somente uma tomada de consciência, mas uma análise crítica, um processo permanente para estar no mundo, criticamente, repetindo o que disse na minha resposta anterior. Piaget estudou os mecanismos da mente, da aprendizagem, mas sem as implicações políticas, que caracteriza a conscientização em Paulo.

O contexto dos dois também é muito diferente, daí suas leituras de mundo serem muito diferentes. Piaget nasceu em Genebra, em família rica. Seus estudos são pretensamente neutros. Assim, por princípio, ele deveria entender, que não tinha nada a ver com o drama de uma menina que se prostitui em Salvador, Bahia, Brasil, ou com milhares de crianças sem escolas que se submetem ao trabalho escravo, na América Latina ou na África, para dar apenas dois exemplos.

Ao contrário de Piaget, Paulo, que teve infância modesta e adolescência muito pobre nunca desprezou estes fatos quando foi criando a sua teoria ética e política, antes que educacional.

Estes fatos explicam porque Paulo priorizou a conscientização e Piaget ter ficado, apenas e deliberadamente, na tomada de consciência.

Em que direção ele mudou nos seus últimos anos de vida?

A sua linguagem escrita foi ficando mais simples. Ele foi ficando mais livre, mais solto em todos os aspectos da vida. Ficou maduro. Não tenho dúvidas, sem falsas modéstias, que eu contribui significativamente para essas mudanças. Ele estava triste pela morte de Elza, mas superou este estado depois que ficamos juntos. Ele dizia "Quando me apaixonei por Nita, me re-enamorei do mundo, da vida". Assim, nesta sua segunda etapa de vida de casado os seus escritos foram em maior número e cada vez mais ligados ao

real, mais poéticos, mais bonitos..., mais amorosos, eu acho!

O exílio ...

Paulo não queria sair do Brasil. Foi perseguido pelos que fizeram o Golpe de Estado de 1º de abril de 1964, e para preservar a sua vida partiu para o exterior. Conseguiu entrar na embaixada boliviana, no Rio de Janeiro. Era outubro de 1964. Foi para a Bolívia já com um trabalho acertado com o Ministro da Educação desse país. Teve problemas de saúde porque La Paz está a uma altura de aproximadamente 5.000 metros. Quando estava melhor, aconteceu o golpe dos Estados Unidos na Bolívia. Paulo partiu para o Chile, onde passou quatro anos e meio. Quando foi publicado, nos Estados Unidos, o seu livro *Pedagogia do oprimido*, escrito no Chile, ficou conhecido no mundo inteiro. Neste momento, ele já tinha passado quase um ano nos Estados Unidos e trabalhava no Conselho Mundial das Igrejas, em Genebra, uma instituição criada pelas igrejas protestantes alemãs, suíças, e de outros países também.

Na Suíça foi convidado e visitou quase o mundo inteiro. A idéia do CMI ao convidar Paulo, era especificamente, dar um caráter mais humanista nas relações mundiais dela com as populações das partes do mundo onde atuavam.

Ele coordenou projetos educativos nos processos de descolonização da África, trabalhando com os povos que procuravam a emancipação verdadeira dos colonizados de Portugal, nos países da costa atlântica. Guiné-Bissau, o primeiro país a convidá-lo; Cabo Verde; São Tomé e Príncipe e Angola. Paulo nunca morou na África nem esteve em Moçambique. Escreveu um livro sobre essas experiências, *Cartas a Guiné Bissau* (Freire, 1977). Nesse livro ele cita Amílcar Cabral⁸, uma pessoa que admirava muito, que o influenciou teoricamente, mas que nunca o conheceu pessoalmente. Quando ele foi à África, Amílcar já tinha sido assassinado por um nacionalista: um crime político encomendado pelos

reacionários da Europa. Ultimamente eu e Sérgio Guimarães fizemos publicar o *A África ensinando a gente*: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, um “livro-falado”⁹ dele com Paulo. Meu marido trabalhou também na Tanzânia e na Nigéria.

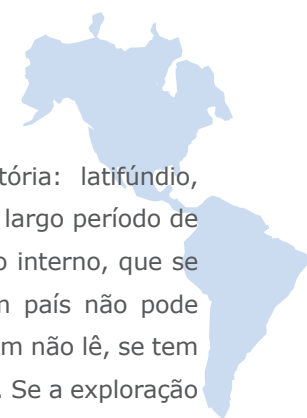
Nos 15 anos de exílio, Paulo ficou sem passaporte. Tinha somente autorizações temporárias de permanência e viagens. O governo brasileiro não concedeu o passaporte mesmo que inúmeras vezes, Paulo o tenha solicitado como um direito inalienável dele. De todo cidadão.

Em 1979 começou no Brasil o processo de abertura política -- ele e outros brasileiros/as expatriados criaram novo ânimo --- com o movimento para a “Anistia Ampla, Geral e Irrestrita”. Neste momento Paulo requereu o seu passaporte que, desta vez, lhe foi concedido.

Em agosto de 1979, imediatamente após ter recebido seu 1º passaporte, Paulo visitou o Brasil. Em 1980 retornou definitivamente sob a proteção de Dom Paulo Evaristo Arns, então arcebispo de São Paulo, que o tinha convidado, em visita a Genebra, para lecionar na PUC/SP¹⁰.

A volta dele não foi fácil, mesmo tendo sido homenageado no Teatro da PUC/SP com muito entusiasmo e carinho, muitos intelectuais o criticavam, porque ele estava fora do Brasil e não tinha sofrido as agruras que eles tinham sofrido em nosso país. E veja, neste dia da homenagem, teatro abarrotado, Paulo agradeceu aos “exilados internos” que vinham lutando, com destemor e ousadia, para que os “exilados externos” pudessem voltar, como ele estava voltando e voltaram quase todos os brasileiros e brasileiras. ... Ademais Elza¹¹ estava doente e seu estado de saúde precário foi piorando, o que preocupava muitíssimo a Paulo.

Será também por causa do exílio, que algumas das características do pensamento de Paulo Freire tem uma universalidade, porque são pensadas em diversas culturas?



Seu pensamento é universal porque partiu e criou raízes profundas no seu espaço mais remoto: Recife. Ele justificava essa questão da universalidade de seu pensamento dizendo:

“A minha mundialidade se explica na minha latino-americanidade, esta na minha brasilidade, que se explica por minha pernambucanidade¹², e esta por minha recifensidade”.

Foi por isto que Paulo teve a possibilidade de ser mundial, universal, atingindo pessoas de todo o mundo independentemente da raça, da cultura, da religião, da idade, do gênero... Só secundariamente porque ele viajou difundindo as suas idéias....

A opressão também é universal ...

Paulo dizia que mesmo que você tivesse consciência crítica, estivesse conscientizado, não estaria livre de ser um oprimido ou uma oprimida. É necessário procurar onde está o opressor, quais são as condições da opressão, combater estas que determinam as relações de opressão, que inibem, que proíbem a vida digna e a realização dos sonhos.

A primeira coisa, o primeiro passo dos indivíduos que querem sair da opressão é, sob a orientação do educador/a, desvelar a realidade, se conscientizar. Depois há que haver uma luta permanente pela libertação, sua e de todos e todas das sociedades.

As circunstâncias e a sociedade trabalham para oprimir, tanto o poder quanto o contexto social. As sociedades capitalistas em geral são organizadas para que um oprima o outro. A libertação não pode ser somente individual, mas da sociedade, para vivermos todos e todas numa sociedade mais justa e solidária, verdadeiramente democrática.

Paulo denunciou nossa inexperiência democrática, que vem determinando as relações de opressão diante das condições de opressão determinadas pelo modo

pelo qual construímos a nossa história: latifúndio, exploração do trabalho, inclusive com longo período de escravidão negra, e pequeno mercado interno, que se sucedeu ao monopólio comercial. Um país não pode ser democrático se tem quem lê e quem não lê, se tem quem tem tudo e quem não tem nada. Se a exploração dos homens e das mulheres ainda é um lugar comum.

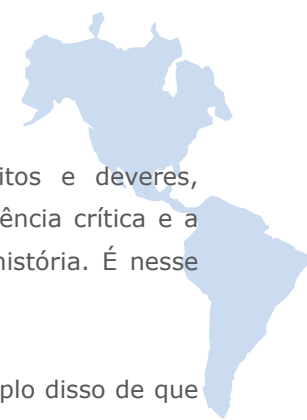
Paulo leu muito Marx, mas não seguia-o dogmaticamente. Marcou dele uma diferença significativa quando compreendeu que “a história não é determinismo, é possibilidade”. O ontem nos ensina como ser hoje para projetarmos o amanhã. Para o determinismo de Marx, a história parte do pressuposto de que alcançará a sociedade socialista através da ditadura do proletariado.

Para Paulo, a história depende de uma escolha de uma comunidade ou de uma sociedade: a comunidade opta e escolhe. Isso é democrático e ajuda a construir e concretizar a democracia, sair das terríveis imposições da opressão. As pessoas escolhem a partir da realidade e depende de nossa capacidade de lutarmos com esperança, ultrapassando os impedimentos e os obstáculos, tornar real o sonho. O futuro não é qualquer coisa que vem mecanicamente. Não é uma força mágica, mas sim decorrência da força do sonho humano, do sonho de Ser Mais individual e coletivo.

CONSCIENTIZAÇÃO E HUMANIZAÇÃO¹³

Conscientização e humanização fazem parte de um só percurso de libertação ...

Para nós nos humanizarmos temos, antes de tudo, de estarmos conscientizados de nossa condição de estarmos **no** e **com** o mundo. Para humanizarmo-nos temos que perceber e termos clareza política de que nós não vimos sendo tratados ou tratamos os outros com humanidade. Não nos vem sendo consentido viver o que faz parte da natureza ontológica do ser humano: ter uma casa, comida, hospital, remédios, escola. Fazer cultura e construir as utopias. Isso tem razões políticas, econômicas, ideológicas. É necessário



que quem é vítima da opressão reconheça as razões sociais da própria condição e se sinta responsável por sua libertação e dos outros e outras. Para quem não sabe ler e escrever, esta condição é um problema da organização social, embora ele mesmo pense ser porque é menos inteligente. Perde a auto-estima. É como Paulo dizia torna-se, de fato, um “demitido da vida”, pois o ou a analfabeta sente que não pode reverter a sua situação.

Então, a primeira coisa para a humanização é o processo de conscientização, adquirir a consciência crítica. Partir para a ação. É um processo que começa com a interpretação da negação do senso comum que propaga, ideologicamente, a inferioridade intrínseca dos analfabetos, dos pobres e despossuídos. Um processo que quer evitar que eles sejam condenados a uma condição de inferioridade. É preciso que pouco a pouco eles e elas analfabetos percebam que isso é uma das ideologias dos poderosos, que querem desfrutar de quem não tem nada e não tem consciência da possibilidade de ser sujeito da história. Eles se acham como objetos da história – o que na realidade são ---, pessoas que não têm direitos, só têm deveres.

O processo de conscientização é isso – através do processo educativo fazer emergir nas pessoas que pensam ser inferiores a consciência crítica e seu potencial de luta política. Fazê-los entender que eram assim porque não tinham consciência de serem pessoas produtivas, inteligentes, fazedores de cultura, construtores da história. Daí partir para as ações.....

É possível construir a história sem saber, mas é preciso que, conscientizados e engajados nas suas sociedades, se sintam e se construam Seres Mais. Que façam e saibam que estão fazendo, politicamente, o certo, o correto, o ético. Assim, eles e elas acabam sendo aqueles que fazem a história mais autêntica de suas sociedades. Este é o processo de humanização. Portanto, a conscientização leva a um processo de reivindicação. A reivindicação e a luta por aquilo que dá o sentido de saber que somos feitos de deveres

e direitos. Então, quem tem direitos e deveres, passa a reivindicar, com uma consciência crítica e a responsabilizar-se como sujeito da história. É nesse processo, que nós nos humanizamos.

Posso lhe dar um excelente exemplo disso de que lhe falo. De uma pessoa que lutou no Brasil para a libertação dos oprimidos/as: Chico Mendes. Ele foi assassinado na Amazônia porque trabalhava com seus pares seringueiros para a conscientização do grupo. Ele afirmou que aprendeu a ler e escrever quando ouviu falar de Paulo Freire. Interessou-se e alfabetizou-se. Depois ele foi procurar mais informações sobre a proposta pedagógica de Paulo e conheceu o processo de conscientização. Trabalhando, ele mesmo como seringueiro compreendeu que a metodologia de conscientização poderia inspirar a libertação da sua própria classe trabalhadora, a preservação do meio ambiente da Amazônia e o ganha pão de todo dia¹⁴.

Pode ser difícil a tomada de consciência? Para o oprimido não seria mais fácil viver sem desenvolver um pensamento crítico sobre a própria condição? Pode ser dolorosa a conscientização?

Paulo utilizava para o processo de conscientização codificar a situação existencial, projetando fotografias, desenhos, slides. Nas favelas, em casas muito pobres, onde os esgotos passam perto das habitações e seus habitantes têm, muitas vezes, que se locomover subindo enormes ladeiras, vivendo em casas sem luz e água, se sentem apenas em profundo abandono. Na decodificação, quando se faz a discussão com o grupo, há sempre alguém que diz “Esta é a nossa rua, a gente vive assim”. Esse é o momento fundamental na tomada de consciência.

No processo de conscientização há a necessidade de se aceitar essas condições que os oprimidos/as em geral não gostam de aceitar, muito menos de verbalizar. Os e as oprimidas têm que aceitar a sua condição de oprimido, para humanizar-se. É um processo doloroso, quase uma terapia psicológica.

Reconhecer as dificuldades impostas ou os próprios erros é um processo muito difícil, muito penoso.

O quanto é difícil para o oprimido aceitar este processo?

É sim, difícil e doloroso, mas também depende de como você, o educador/a, age. Paulo praticava uma espécie de maiêutica, a “maiêutica freireana”. Você não pode dirigir a palavra a alguém e dizer: você não vale nada, não tem casa, não tem comida, não tem educação, não tem emprego, não é respeitado... não vale nada diante da sociedade. Isso cria raiva, desânimo, desilusão, desesperança, na pessoa que lhe ouve.

A metodologia conscientizadora criada por Paulo implica em se discutir os temas geradores através da pergunta/resposta. Se você pergunta para a pessoa “por que a sua vida é assim?” e ele responde “porque Deus quis”; você pergunta de novo “mas por que Deus quis assim? Será que Deus realmente quis assim?” – o educador vai criando perguntas sobre a resposta do outro/a e, assim, se entra no processo de conscientização. Você, o educador, não dá as respostas. Faz somente perguntas sobre a resposta do educando/a. A pedagogia de Paulo não é dar as respostas, mas é a pedagogia da pergunta (Freire, 1985). Temos que fazer as perguntas fundamentais, que na sua epistemologia são: “como?”, “por que?”, “por que é assim?”, “a favor de quem?”, “a favor de que?”, “contra quem?”, “contra que?”, para alcançar a essência do fenômeno. É esta dinâmica que indo à raiz do problema, conscientiza.

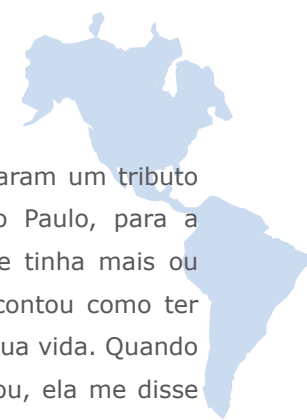
Todos os seres humanos são capazes de fazer isto, de praticar a pergunta-resposta. Não precisa ser intelectual ou professor universitário para fazer isto. Se você cria um grupo de pessoas do povo, eles são capazes de fazer isto. Qualquer pessoa é capaz de sabendo-se e sendo, de fato, ofuscado, negando enquanto sujeito, progressivamente, ir desvelando a realidade no processo da “maiêutica freireana”, e, então mudar a sua vida, daí a do mundo.

Num diálogo com Ivan Illich (Freire & Illich, 1975), Paulo diz que não queria mais utilizar a palavra conscientização ...

Paulo nunca negou a eficácia do processo de conscientização. Na Europa e nos Estados Unidos, mais do que no Brasil, o interpretaram de uma maneira equivocada, como se Paulo entendesse esse processo de uma forma idealista, como se bastasse dizer “eu sou vítima da sociedade”, para então se realizar a mudança. Paulo nunca disse isso. Ele nunca foi idealista nem mecanicista.

A conscientização implica um processo ativo de entender a realidade, de tomar decisões, fazer escolhas, exigir a concretização de suas reivindicações. Quando esta palavra --- conscientização --- estava assim sendo mal interpretada, Paulo deixou, por um longo período de escrever sobre ela. Mas, ele continuou e sempre convencido da importância da conscientização. Ele queria voltar a escrever sobre esse tema. Ele tinha essa grande capacidade de retomar os temas sobre os quais já escrevera, “reformando-os”, reformulando-os, acrescentando novos conteúdos, ora por que visto sob outro ângulo, ora porque tinha feito uma nova leitura sobre o tema.

Quando ele publicou *a Pedagogia da autonomia*¹⁵, ele queria voltar a escrever sobre o tema da conscientização. Sobre ética e conscientização. Ele já percebia -- prevendo o mundo que, oito anos depois temos agora impregnado pela falta de ética, pela transgressão da ética, que está confinando o mundo inteiro a dias de terror e desmandos os mais diversos – a importância de retomar sua categoria conscientização. Ele tinha esse projeto, porque tinha uma grande preocupação não só com a transgressão da ética, mas também com a desesperança trazida pelo liberalismo/globalização da economia, se generalizando no Brasil e no mundo todo, e queria que todos e todas tivessem consciência do que se passava e a superassem. Acreditava que a conscientização



oferecia instrumentos para a possível transformação. Para o inédito-viável que é a verdadeira democracia planetária.

Pode ser um obstáculo ao processo de conscientização a falta de escolha de quem vive na pobreza? Quer dizer se não pode escolher a comida, a roupa para se vestir, a instrução, é mais fácil não ter uma consciência da própria condição. Como se pode, assim se desenvolver um processo de libertação?

Temos que ter cuidado para não entender este processo com os parâmetros da classe média, que somos. O processo de libertação é gradual. Com maior ou menor velocidade dependendo dos indivíduos e das circunstâncias. Ele vai levar, não mecanicamente, mas progressivamente, os homens e as mulheres da condição de Seres Menos ao de Seres Mais. Progressivamente nesse processo de libertação revolucionário ---que não é o revolucionário feito pelas armas ---você vai lutando por seus direitos, por uma escola, por um curso de alfabetização, etc, etc por que ficou conscientizado. Isso não significa que a conscientização leva à infelicidade porque não posso comprar, não posso ir ao teatro. Necessariamente não acontece isso. As pessoas, que eram/são excluídas, começam a pensar de um jeito novo: querem e se consideram no direito de aprender a ler e escrever, ter uma casa, ter o mínimo para comer, participar nos destinos de sua comunidade e de seu país. Isso é a regra. Obviamente há exceções.

Nos anos sessenta quem era analfabeto no Brasil, não tinha direito a votar¹⁶. A maioria das pessoas que não sabia ler e escrever queria se alfabetizar para votar, escrever cartas aos pais, aos filhos. Alfabetizar-se significava também poder ler a Bíblia na igreja, reconhecer o nome do ônibus, o nome da rua ou de uma praça para não se perder na polis e nem ser "sombra dos outros". Veja, Paulo, como as reivindicações eram, e ainda são, muito pequenas.

Depois da morte de Paulo, realizaram um tributo a ele na Câmara Municipal de São Paulo, para a qual fui convidada. Uma mulher que tinha mais ou menos sessenta e cinco anos, nos contou como ter aprendido a ler e escrever mudou a sua vida. Quando lhe perguntei como a sua vida mudou, ela me disse que tinha vindo do Recife para trabalhar em São Paulo, com marido e filhos. O marido morreu, os filhos estudaram, fizeram faculdade, mas ela não sabia ler e escrever. Quando ela ia para a casa de uma das filhas, uma outra tinha que acompanhá-la até a estação do metrô. A filha que ia receber a visita a buscava na estação de destino. Ela, para orientar-se, contava as paradas do trem. Ela contava em voz baixa... "um, dois, três, quatro ... agora saio." Ela tinha um grande medo de ir sozinha. Os filhos recomendavam, que se a irmã não viesse buscá-la ela: "Descesse do trem, subisse por esta escada, olhasse para o outro lado da rua e vendo aquela casa amarela ...", a ensinavam a chegar na casa de uma das filhas dizendo coisas assim. Era tão grande o medo dela de andar sozinha que a mulher decidiu aprender a ler e a escrever.

Certo dia, quando ela estava em processo de alfabetização, estando na plataforma do metrô, olhou o nome no trem que se aproximava, e começou a reconhecer as sílabas "Ja-ba-qua ...", "Ja-ba-qua-ra!!!" Pulava de felicidade e de espanto, dizendo, quase gritando: "Aprendi a ler". Na verdade ela se sentia libertando-se.....

Continuadamente ela vinha se consultando com um médico e sempre apresentava os mesmo sintomas. Na consulta seguinte de ter lido "Jabaquara", ele disse para ela:

--- Dona Maria, são 15 anos que a senhora vem aqui e chega sempre com a pressão alta. Hoje, não. O que aconteceu? Tomou remédio?

--- O meu remédio foi aprender a ler e escrever, respondeu.

--- Não pode ser isso, disse ele rindo.

----Para o senhor, que já sabe ler e escrever, não. Para

mim, que apenas aprendi a viver à sombra dos outros e das outras, tudo agora mudou, pois sei que sou eu quem governa a minha vida, contestou certa de sua verdade.

Para Dona Maria saber ler e escrever foi o seu processo de libertação. Tem quem reivindique muito mais do que isso, mas para ela a sua maior reivindicação de vida era essa: saber ler e escrever.

Depois desse testemunho da Dona Maria, eu li sobre uma pesquisa da Universidade Federal de Alagoas, na qual se constatava que as pessoas que aprendiam a ler e escrever, raramente continuavam com os problemas de visão, de audição, de pressão arterial alta....

O processo de libertação parte disso, saber ler a palavra, mas a libertação verdadeira implica saber ler criticamente a palavra e o mundo, poder fazer, decidir seu destino político e participar de muitas outras coisas.

O processo de libertação em Paulo era isso. Um processo contínuo para o Ser Mais, deixando para trás o Ser menos, o ser apenas objeto de manipulação, de incidência da opressão, ir progressivamente obtendo o seu espaço de sujeito histórico.

Enfim, não é só ter casa, comida, remédio, etc, que leva à conscientização, mas depende disso também. Depende, fundamentalmente, da educação conscientizadora, libertadora.

Então, o corpo aprende com a mente? A tomada de consciência faz parte do corpo ...

O nosso corpo vai ficando consciente e pode até mudar a nossa mente. Há, sem dúvida, uma relação dialética entre corpo e mente. A tomada de consciência parte do corpo e tem repercussões no corpo ...falo do corpo biológico, é claro. Paulo dizia "Eu não escrevo com a minha cabeça, eu escrevo com o meu corpo inteiro. Eu não penso com a minha mente, penso com todo o meu corpo, com todas as minhas emoções, os meus sentimentos, as minhas intuições... Com minhas

experiências de senso comum, dos fatos vividos ainda presentes na minha vida, mas raramente percebidos e 'também' com a minha consciência reflexiva".

Tudo isso que Paulo dizia através da sua percepção intuitiva, pré-científica, vem sendo, agora cientificamente comprovado.

Aliás, Paulo, já falamos sobre isso....

Uma percepção intuitiva e criativa?

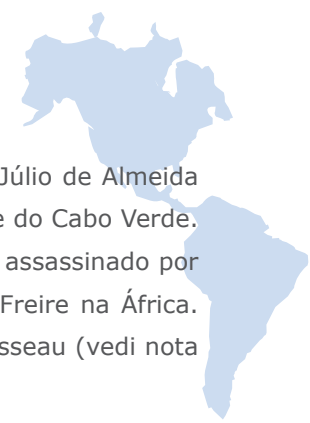
Sim, não conheço ninguém que tenha se dedicado a estudar o óbvio. E o óbvio está aí para qualquer pessoa falar sobre ele...., mas, o óbvio é muito difícil de ser visto e entendido.... quase ninguém o vê, o percebe.... Precisa-se de uma certa genialidade intuitiva e criativa para isso....E Paulo a teve!

Antes de ler a palavra, a pessoa lê o mundo ...

Paulo dizia que leitura do mundo precede a da palavra. E a primeira leitura do mundo se dá através da mãe, a mãe que é a pessoa com quem se estabelece o primeiro contato. A criança começa a perceber que quando ela chora, a mãe vem. Essa é a primeira leitura do mundo. Depois ela percebe que se chora muito, a mãe pode não vir. Assim, ela começa a "assumir" a medida de quanto tem que chorar para chamar a mãe. Para cada coisa tem um choro: um choro para trocar a fralda, um para mamar.... Assim, a mãe começa a perceber o que ela está dizendo. É nesse diálogo com a mãe que o bebê começa a sua leitura do mundo.

A leitura do mundo é esta, quando vamos percebendo as relações, as condições, os fenômenos, as coisas que, passo a passo, podem ou não ir tornando-se críticas. Esta implica na educação desveladora do real. A leitura crítica do mundo gera satisfações e impõe deveres. Por isso Paulo dizia que, a leitura crítica da palavra deve ser uma re-leitura do mundo para transformá-lo. Ler o mundo lendo a palavra ou ler a palavra lendo o mundo é uma relação indicotomizável, que possibilita a realização das transformações.

- 1 Diz Paulo Freire ao MST "O povo tem o direito de saber a teoria da pratica do povo. Quer dizer: a pratica do povo è absolutamente fundamental, mas a pratica nao é a teoria dela mesma. E' preciso que o povo domine porque tem esse dereito , domine a pratica, ou a teoria da pratica, ou o saber teorico (...). Nao há pratica sem teoria e nao ha teoria que nao se submeta à pratica." MST, Paulo Freire, um educador do povo. ANCA, Sao Paulo, 2005. pp, 23-25.
- 2 Entrevista realizada em 12/04/2005, e revista em novembro de 2006.
- 3 O nordeste é uma das zonas mais críticas e carentes do Brasil. Por outro lado, possui um enorme potencial na tradição da cultura popular. Freire, mais de uma vez, relata a importância do contexto nordestino na sua formação humana e educativa: "Não precisava consultar estudos científicos que tratassem das relações entre desnutrição e dificuldades de aprendizagem. Tinha um conhecimento de primeira mão, existencial dessas relações." Freire P. Cartas a Cristina, (org. Ana Maria Araujo Freire) 2002. São Paulo: UNESP. pag. 40.
- 4 O SESI – Serviço Social das Industrias – é a instituição onde Freire trabalhou de 1947 a 1957, antes como Diretor e depois como Superintendente do Departamento de Educação. Assim Freire se recorda de sua passagem pelo SESI: "Trabalhando no SESI com diferentes profissionais, em níveis também diferentes, e com operários, a quem desafiei a ir assumindo, cada vez mais, atitudes de sujeito, a ir aprendendo democracia, praticando-a, terminei por fazer uma série de aprendizados indispensáveis a quem se insere no processo de mudança da realidade." Freire P. Cartas a Cristina (org. Ana Maria Araujo Freire) 2002. São Paulo: UNESP. pag. 144. Ou ainda: "A pedagogia do Oprimido não poderia ter sido gestada em mim só por causa de minha passagem pelo SESI, mas a minha passagem pelo SESI foi fundamental. Diria até que indispensável à sua elaboração." Freire P., Pedagogia da Esperança (2005). São Paulo: Paz e Terra. Pag.18.
- 5 O ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros) foi fundado em 1955. Se tratava de um Centro de Estudos que debatia e propunha percursos para o desenvolvimento do Brasil, através de temas que abordavam disciplinas de história, filosofia, economia, política, sociologia. O Governo Militar em 1964 decretou o fim do ISEB e o exílio de muitos de seus estudiosos.
- 6 Hélder Câmara foi um dos inspiradores da Teologia da Libertação na América Latina e de um cristianismo que buscasse a libertação das classes pobres.
- 7 O mesmo Freire especifica que o termo conscientização foi criado pelo ISEB e difundido por Hélder Câmara: "Acredita-se geralmente que sou autor deste estranho vocábulo conscientização por ser este o conceito central de minhas idéias sobre educação. Na realidade, foi criado por uma equipe de professores do Instituto Superior de Estudos Brasileiros por volta de 1964. Pode-se citar entre eles o filósofo Álvaro Pinto e o professor Guerreiro. Ao ouvir pela primeira vez a palavra conscientização, percebi imediatamente a profundidade do seu significado, porque estou absolutamente convencido de que a educação, como prática da liberdade, é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade. Desde então, esta palavra forma parte de meu vocabulário. Mas foi Hélder Câmara quem se encarregou de difundi-la e traduzi-la para o inglês e para o francês." Freire P., Conscientização. Teoria e prática da libertação (2005). São Paulo: Centauro Editora. Pag.29.

- 
- 8** Amílcar Cabral, juntamente com Aristides Pereira, seu irmão Luís Cabral, Fernando Fortes, Júlio de Almeida e Elisée Turpin, fundou em 1959 o PAIGC - Partido Africano para a Independência de Guiné e do Cabo Verde. Ele lutou pela libertação dos povos Guinense e Caboverdiano do colonialismo português. Foi assassinado por agentes do colonialismo português em 1973, antes do trabalho de alfabetização de Paulo Freire na África. Freire mostrou sempre muita admiração por ele e dedicou a Cabral o livro Cartas a Guiné Bissau (vedi nota 14), definindo ele "educador-educando do seu povo.
- 9** Estes dois livros vêm sendo publicados pela Editora Paz e Terra.
- 10** PUC-SP é a sigla da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- 11** Paulo Freire casou com Elza Maria Costa Oliveira, professora primária em 1944 e teve cinco filhos. O educador brasileiro, frequentemente exprimia publicamente seu amor por Elza, e em particular o apoio e a inspiração que ela deu nas suas atividades. A morte de Elza ocorreu em 1986, e representou um motivo de crise muito grave para Freire. Como ele diz, enamorar-se por Nita foi a razão do seu re-enamoramento pela vida.
- 12** O Estado de Pernambuco é a região onde está localizada a cidade do Recife. Um dos menores Estados do Brasil na amplitude geográfica, é caracterizada de uma forte cultura popular e uma propensão pela criatividade. Dizer sou Pernambucano, é uma notável assunção da identidade cultural que vai além do território.
- 13** Prosseguimento da Entrevista, realizada em 22/08/2005, e revista em novembro de 2006.
- 14** Em 1976 Chico Mendes fundou na Amazônia o Projeto Seringueiro. Esse projeto era baseado numa escola diferenciada que utilizava o método de Paulo Freire. A educação que nascia do cotidiano dos trabalhadores com objetivo de uma transformação da própria realidade. O sindicalista e ativista ambiental Chico Mendes teve um papel muito importante na fundação do Conselho Nacional dos Seringueiros. Ele foi assassinado em 1980, porque evidentemente a sua atividade vinha sendo considerada perigosa. Depois de sua morte, mais de trinta entes sindicais se reuniram num comitê, formando um comitê que fizesse justiça contra o crime ocorrido. Em 1990 dois fazendeiros, Darly e Darcy Alves da Silva, foram considerados culpados e condenados a 19 anos de prisão. Fugiram da prisão em 1993 e em 1996 foram novamente capturados.
- 15** Freire Paulo, Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa (1996). São Paulo: Paz e Terra. Publicado no Brasil pela Editora Paz e Terra, já vendeu até novembro de 2006 mais de 850 mil exemplares.
- 16** Marcos Guerra conta da primeira experiência de alfabetização de Freire em Angicos "no período de '62/'63 o analfabeto no Brasil não tinha direito a votar e neste período havia um clima de mudança no país e de reforma para que os analfabetos pudessem votar, mas não havia uma decisão política sobre isso. Portanto é evidente que a demanda por alfabetização era uma forma de pleito para que mais eleitores pudessem participar das eleições, era uma coisa que naturalmente representava uma tentativa de conquista popular e ao mesmo tempo era muito temido por outros" em Vittoria P., Angicos uma experiência política. Entrevista com Marcos Guerra sobre o método Paulo Freire, DVD 45 min.

Referencias

Cfr. AA.VV., Orçamento Participativo Criança, Exercendo a cidadania desde a infancia. Cortez Editora, Sao Paulo, 2004.

Cfr., Vittoria Paolo, Testro dell'oppresso a Santo André. Adulti educati alla cittadinanza. Adulità, 2007.

Freire Paulo, *Pedagogia da esperança. Um reencontro com a pedagogia do oprimido* (1992). São Paulo: Paz e Terra.

Freire Paulo, *Pedagogia da tolerância*, organizada por Ana Maria Araújo Freire (2005), São Paulo: Editora Unesp. Vencedora do Prêmio Jabuti, 2006, 2º lugar, Categoria Educação.

Freire Paulo, *Pedagogia do Oprimido* (1974). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freire Paulo, *Cartas a Guiné- Bissau. Registro de uma experiência em progresso* (1977). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freire Paulo, Faundez Antonio, *Por uma pedagogia da pergunta* (1985). São Paulo: Ática.

Freire Paulo Illich I., *Dialogo*, (1974) in Seminario Invitación a Conscientizar e Descolarizar. Conversación permanente, Atas, Ginebra. Búsqueda Celadec, Buenos Aires (1975).

Mayo P., Gramsci, Freire and Adult Education: Possibilities for Transformative Action (1999). London: Zed Books. Trad. cat, P. Mayo, 2003. Gramsci, Freire i L'educació de Persones Adultes. Xàtiva: Edicions del CREC.

Veja Maritain J., The Degrees of Knowledge, Geoffrey Bles, London, 1959.

Bibliografia completa de Paulo Freire (de Fonte: Freire Araújo, Ana Maria (2006). **Paulo Freire: uma história de vida**. São Paulo, Villa das Letras Editora)

Livros de Paulo Freire

Educação e atualidade brasileira (2001). São Paulo: Editora Cortez/IPF.

Educação como prática da liberdade (1967). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Pedagogia do oprimido (1974). Rio De Janeiro: Paz e Terra.

Extensão ou comunicação? (1971). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Ação cultural para a liberdade e outros escritos (1976). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Cartas a Guiné-Bissau: registros de uma experiência em progresso (1977). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Educação e mudança (1979). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Conscientização: teoria e prática da libertação (1980). São Paulo: Moraes.

A importância do ato de ler em três artigos que se completam (1982). São Paulo: Cortez.

A educação na cidade (1991). São Paulo: Cortez.

Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. (1992). São Paulo: Paz e Terra.

Política e educação (1993). São Paulo: Cortez.

Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar (1993). São Paulo: Olho D'Água.

Cartas a Cristina (1994). São Paulo: Paz e Terra.

À sombra desta mangueira (1995). São Paulo: Olho D'Água.

Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa (2004). São Paulo: Anca/MST.

Pedagogia da indignação: Cartas Pedagógicas e outros escritos (org. de Ana Maria Araújo Freire), (2000). São Paulo: Editora Unesp.

Pedagogia dos sonhos possíveis. (org. de Ana Maria Araújo Freire), (2001). São Paulo: Editora Unesp.

Pedagogia da tolerância. (org. de Ana Maria Araújo Freire), (2005). São Paulo: Editora Unesp.



Livros em parceria ou co-autoria

Com Sérgio Guimarães. Sobre educação (1982). Rio de Janeiro: Paz e Terra. Vol.1.

Com Aldo Vannucchi e Wladimir Santos. Paulo Freire ao vivo. (1983) São Paulo: Loyola.

Com Sérgio Guimarães. Sobre educação (diálogos) (1984). Rio de Janeiro: Paz e Terra. Vol II.

Com Frei Betto e Ricardo Kotscho. Essa escola chamada vida (1985). São Paulo: Ática.

Com Antonio Faundez. Por uma pedagogia da pergunta (1985). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Com Moacir Gadotti e Sergio Guimaraes (1985). Pedagogia: diálogo e conflito. São Paulo: Cortez.

Com Ira Shor. Medo e Ousadia: o cotidiano do professor (1987). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Com Sérgio Guimarães. Aprendendo com a própria história (1987). Rio de Janeiro: Paz e Terra. Vol I.

Com Adriano Nogueira. Que Fazer: teoria e prática em educação popular (1989). Petrópolis: Vozes.

Com Donaldo Macedo. Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra (1990). São Paulo: Paz e Terra.

Com Sérgio Guimarães. Aprendendo com a própria história (2000). São Paulo. Paz e Terra. Vol II.

Com Myles Horton. O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social (2002). Petrópolis: Vozes.

Com Roberto Iglesias El Grito Manso (2003). Buenos Aires: Siglo XXI.